

**A FILOSOFIA E SEU ENSINO A PARTIR DE ROUSSEAU:
“SE A VERDADEIRA FILOSOFIA FOSSE INSEPARÁVEL DO
TÍTULO DE FILÓSOFO”**

[THE PHILOSOPHY AND ITS TEACHING FROM ROUSSEAU:
“IF THE TRUE PHILOSOPHY WAS INSEPARABLE OF THE PHILOSOPHER
TITLE]

Evanilson Alves Dutra

evandutra@yahoo.com.br

Mestrando em Filosofia (PROF-FILO 2018-2020), sob a Coordenação Geral da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Núcleo local da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus de Caicó-RN. Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2003). Pós-Graduado Latu Sensu em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2007). Possui Curso de Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (2007). Professor de Filosofia dos quadros permanentes das Secretarias de Educação dos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Professor de Filosofia na Escola Estadual Profa. Isabel Ferreira, em Equador/RN, e na Escola Estadual Ezequiel Fernandes, em Junco do Seridó/PB. Aluno bolsista da CAPES.

Telmir de Souza Soares

telmir@gmail.com

Doutor em Filosofia Prática pela Universidade Federal da Paraíba (2014), com Estágio Doutoral na Université Catholique de Louvain em Louvain-La-Neuve. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2003), Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (1996) e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico de Fortaleza - STF da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Atualmente é Professor Adjunto III da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, lotado no Departamento de Filosofia. Realiza pesquisa na área de Filosofia Política, com ênfase nos seguintes temas: Rousseau, Participação Política, Democracia, Contratualismo, ação coletiva, ação cidadã e Natureza. Vice-coordenador do Mestrado PROF-FILO (UFPR/UERN).

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

Recebido em: 30 de junho de 2019. Aprovado em: 26/08/2019

Caicó, ano 12, n. 1, 2019, p. 125-148, ISSN 1984 - 5561
Dossiê Introdução à Filosofia e Filosofia do Ensino de Filosofia



DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

Resumo: O presente artigo apresenta uma compreensão sobre a filosofia no autor de Genebra, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), a partir de suas críticas aos pensadores de sua época. Para o autor suíço tais pensadores estavam interessados em obter fama e reconhecimento em meio à *República das letras*. O posicionamento do escritor genebrino pode se traduzir no modo pelo qual ele resolve chamar a atenção para o distanciamento entre os discursos proferidos pela sociedade do século dezoito, caracterizados pelo otimismo exacerbado em relação à razão, e as ações cotidianas comumente envolvidas com o cultivo da vaidade humana e com a negação da virtude. Tal desconexão entre discurso e realidade resulta na infelicidade característica da vida de tais indivíduos. Assim, em meio a uma postura contestadora, é possível perceber que Rousseau aponta para o que seria o verdadeiro modo de ser da filosofia, a saber, enquanto um exercício do pensar que favoreça a experiência do autoconhecimento. Nesse sentido, a realização da atividade da filosofia deveria consistir no intento de conduzir o homem a conhecer-se para melhorar-se, para educar-se.

Palavras-chave: Rousseau. Filosofia. Ensino.

Abstract: The present paper emphasizes possible understanding of philosophy from the Geneva author, Jean Jacques Rousseau (1712-1778), from his criticism to the thinkers of his epoch. To the Swiss author highlighted here, such thinkers were interested in obtaining fame and recognition among the Republic of Letters. The positioning of the Genevan writer would translate in a way which it decides to raise awareness to the distance between the speeches given by the eighteenth-century society, characterized by exaggerated optimism in relation to the rationality, and the daily actions extremely involved in the diffusion of human vanity, denial of virtue and ultimately responsible for the unhappiness of individuals. Through a contesting posture, we can notice that Rousseau points to what would be the true way of being of philosophy as an exercise of thinking that furthers the experience of self-knowledge, in other words, that the realization of the activity of philosophy should be in order to lead the man to know himself to know, to know himself and to know enough for know yourself and know enough for yourself.

Keywords: Rousseau. Philosophy. Teaching.

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

INTRODUÇÃO

O conjunto das obras de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) nos possibilita sustentar que embora o autor genebrino demonstrasse ter admiração pelos grandes pensadores da filosofia¹, tanto de épocas anteriores a ele quanto por alguns de seus contemporâneos, ele discordava com considerável frequência de alguns pontos de vista que tais pensadores expressavam (como é o caso do estado de natureza e sobre a natureza do homem primitivo), tecendo várias críticas aos pensadores da filosofia desenvolvida no século XVIII. Para o autor suíço tais pensadores estavam mais interessados em obter fama e reconhecimento em meio à *República das letras*. Esses pensadores objetivavam, ajuda-nos Dent (1996, p. 134), “[...] mostrarem-se mais argutos, mais hábeis, mais sutis do que outros, sem considerar se seus pontos de vista estão ou não bem fundamentados [...]”, do que, efetivamente, o verdadeiro amor à verdade e o vigor moral associado ao exercício da filosofia.

Por essa razão, não foram raras as vezes em que Rousseau deixou transparecer uma certa desconfiança pelo exercício da filosofia praticada pelos pensadores iluministas, uma postura relacionada, principalmente, ao modo como ele compreendia ser a sua época e pela postura tomada por aqueles que se intitulavam filósofos. Desse modo, o desdém do pensador de Genebra se concentraria no desejo premente de tais pensadores pela fama e pelo reconhecimento, se caracterizando pelo exibicionismo e pela busca de homenagens a serem recebidas perante a sociedade. Tais atitudes fomentavam nos indivíduos uma preocupação com o supérfluo, gerando situações em que “[...] não se pergunta mais a um homem se ele tem probidade, mas se tem talento; nem de um livro se é útil, mas se é bem escrito [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 348). Essas vis posturas eram buscadas em detrimento do que deveria ser, de fato, mais significativo e importante, a saber, as verdadeiras virtudes², sobretudo as morais.

¹ Amante da leitura, Rousseau desde cedo apreciou obras e autores diversos, informação confidenciada por ele mesmo ao longo de seus escritos, sobretudo nos textos autobiográficos. Nas *Confissões*, livro publicado após a sua morte, o autor suíço deixa claro o prazer que sentia com a prática da leitura de livros os mais variados possíveis, mostrando grande apreço pelos escritos dos antigos e, em especial, de Plutarco (46 –119). “[...] Minha leitura favorita foi Plutarco, principalmente. [...] Dessas interessantes leituras, das conversas que motivavam entre mim e meu pai, formou-se este espírito livre e republicano, este caráter indomável e altivo, não suportando o jugo e a servidão que me atormentou durante toda a vida em situações as menos indicadas para dar-lhe asas” (ROUSSEAU, 1965, p. 19). Naquela que viria a ser a primeira obra de sua maturidade, *Discurso sobre as Ciências e as Artes (1750)*, Rousseau faz menção àqueles que considera ter contribuído para o enobrecimento da raça humana e que fizeram por onde tornar a vida humana mais fecunda (DENT, 1996, p. 66). Assim, Rousseau nos apresenta Bacon, Descartes, Newton e Sócrates, além de outros pensadores antigos e modernos como preceptores do gênero humano (1978b, p. 351). Noutro momento, no *Emílio ou Da educação (1762)*, elogia Platão e *A República* que, em sua concepção: “[...] Trata-se do mais belo tratado de educação jamais feito” (ROUSSEAU, 2017a, p. 45).

² Segundo Rousseau, os homens nascem predispostos à virtude. Entretanto, tal disposição deve ser fomentada, desenvolvida, pois a mesma só se estabelece por meio da relação com outras pessoas que podem, paradoxalmente, conduzir o homem, por outro lado a perder a integridade natural (DENT, 1996, p. 48). Para o genebrino, a virtude é alcançada na sociedade, sendo melhor entendida como o esforço para a minimização do *amor-próprio* [que nasce da relação com os outros, de outras necessidades criadas pelo convívio social], do qual provêm as paixões não naturais]. Tal processo implica no resgate e fortalecimento do *amor de si* [paixão inata e, por isso, anterior às outras] (HERMANN, 2006, p. 96-97). De um modo geral, segundo Dent (1996, p. 209): “A virtude, em sua opinião, requer vontade e compromisso com o princípio, acima da obediência aos

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

Rousseau, no *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750), considera que os avanços advindos de tais desenvolvimentos da cultura humana “[...] colocou os homens definitivamente num mundo de aparências, de discordância entre os atos e as palavras, de falsas necessidades e de concorrência funesta [...]” (VICENTE, 2017, p. 322), conduzindo-os a se ocuparem das paixões, a falarem uma linguagem apurada e rebuscada. Mas a existência humana nem sempre fora assim, antes desses nefastos, porque desvirtuados, desenvolvimentos, os nossos costumes eram rústicos, porém, naturais.

Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios (ROUSSEAU, 1978b, p. 336).

Rousseau retomaria essa discussão no *Emílio ou Da educação*, tendo como escopo a diferenciação das paixões que nos são naturais das que são contrárias à natureza do homem, ao afirmar que aquelas nos serviam como instrumentos de nossa liberdade e tendiam a nos conservar, enquanto as que são contrárias à natureza nos subjagam e nos destroem (ROUSSEAU, 2017a, p. 249).

Noutro momento, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens* (1955), o genebrino chamaria a atenção para uma cadeia de fatos e causalidades que, associadas às atitudes tomadas pelo ser humano ao longo da história, o exclui da harmonia natural. O homem abre mão de viver segundo a ordem da natureza, saindo de um estado natural, para assumir, em troca, uma associação com seus congêneres ocorrendo, a partir disso, um gradativo afastamento do modo de vida natural (PITANO; NOAL, 2009, p. 290).

Nesse sentido, no *Segundo Discurso*, Rousseau expõe uma visão pessimista quanto aos desenvolvimentos da espécie humana, algo contrário ao otimismo dos homens de seu tempo quanto a este tema, uma vez que estes expressavam, em relação ao aperfeiçoamento da razão e do estado social do homem, uma crença desmesurada nos ganhos advindos do esclarecimento, característica marcante do pensamento do Iluminismo e das elaborações filosóficas do século XVIII. A esse respeito, nos diz Espíndola (2007, p. 10):

[...] Ele faz marcar toda sua diferença construindo um pensamento um tanto distinto. Se o caso é, para Rousseau, neutralizar o mal na sociedade, o desafio não reside em incentivar-se o progresso, em desenvolver-se cada vez mais a razão. Todo o filósofo que se preze, na opinião do autor genebrino, deve entender que é o caráter, primeiramente, que precisa ser moldado, os bons costumes é que devem ser difundidos, porque se

estímulos da inclinação, por mais benevolente que tal inclinação possa ser. Alguém que é guiado somente por seus sentimentos será desviado com facilidade desse propósito se intervierem outros interesses; ou abandonará seus objetivos se estes deixarem de atrair aqueles sentimentos. O mesmo não ocorrerá com uma pessoa virtuosa [...]”.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

precisa fazer os homens terem conhecimentos acerca de seus deveres. Significa uma transgressão privilegiar, logo de saída, o exercício com vistas a desenvolver a inteligência, almejando dar aos seres humanos uma capacidade maior de raciocinar; sem sentido é conceder o primado ao fomento de saberes teóricos, de conhecimentos abstratos, visto que não é aí que repousam as bases da unidade e da integridade moral.

Ainda no *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*, como veremos mais adiante, o autor genebrino elabora sua teoria acerca das noções de liberdade natural e de liberdade civil no intuito de compreender o momento exato no qual o homem deixaria aquela por uma constituída a partir dos arranjos sociais. Assim, conforme Dent (1996, p. 157), “[...] ninguém, segundo Rousseau, nasce numa situação pela qual está obrigado (*de jure* ou *de facto*) a obedecer a vontade de outrem, pela qual é responsável perante outrem por suas ações [...]”. Nesse sentido, na liberdade natural cada um assume seus atos e não deve explicação acerca dos mesmos aos seus semelhantes, afinal, não existe outro que lhe seja superior e a quem necessite prestar contas (DENT, 1996, p. 157). Porém, são as adversidades naturais que conduz o homem a associar-se a outros e é nesse sentido que o texto do *Segundo Discurso* de Rousseau tentará elucidar o processo histórico pelo qual o homem abre mão da liberdade natural em favor de uma liberdade instituída socialmente. Para tanto, o autor de Genebra recorre ao artifício da existência de “estado natural” como um momento anterior ao estágio da sociabilidade. Tal recurso se constitui em uma perspectiva hipotética, a fim de justificar a mudança de status da liberdade do homem. Assim quanto ao estado de natureza:

[...] Para Rousseau, ele se referia ao estado das coisas que poderiam existir se os seres humanos perdessem as qualidades artificiais, ou qualidades que poderiam possuir somente por serem membros de uma sociedade existente. Os habitantes do estado da natureza são pessoas que carecem do tratado de caráter convencional ou artificial que somente é obtido por pertencerem a um determinado grupo social [...] (SIMPSON, 2009, p. 94).

Na verdade, a crítica de Rousseau perpassada ao longo dos dois *Discursos* supracitados exprime a sua contestação ao modo de ser da sociedade moderna enquanto refratária à natureza. Mesmo tendo seu nome comumente figurado na lista dos pensadores partícipes do movimento filosófico do Iluminismo, o autor genebrino não poupou críticas ao referido modo de pensar dos representantes desse movimento pois, segundo ele, a principal característica da civilização é a “negatividade” em relação à natureza (STAROBINSKI, 2011, p. 38), algo que se expressa na paradoxal relação entre a transparência presente na nossa relação com a natureza e os vários obstáculos, representações e opacidades presentes nas relações sociais, como bem enfatiza Starobinski (2011, p. 38, grifos do autor):

[...] As ‘falsas luzes’ da civilização, longe de iluminar o mundo humano, velam a transparência natural, separam os homens uns dos outros,

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

particularizam os interesses, destroem toda possibilidade de confiança recíproca e substituem a comunicação essencial das almas por um comércio factício e desprovido de sinceridade; assim se constitui uma sociedade em que cada um se isola em seu amor-próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa. Paradoxo singular que, de um mundo em que a relação econômica entre os homens parece mais estreita, faz efetivamente um mundo de opacidade, de mentira, de hipocrisia.

A respeito dos filósofos modernos e seus ensinamentos, o pensador genebrino chama a atenção para a falta de efetividade das lições aprendidas com eles. No *Emílio*, por exemplo, acusa-lhes de não o ajudar na compreensão de suas dúvidas e, ao contrário, multiplicar as suas incompreensões, algo que o compele a dar maior atenção a uma luz interior que funcionaria como um guia para o caminho da verdade, e que o situaria em uma posição diferenciada em relação aos filósofos ilustres e ilustrados de seu tempo:

Compreendi também que, longe de livrar-me de minhas dúvidas inúteis, os filósofos se limitariam a multiplicar as que me atormentavam e não resolveriam nenhuma. Escolhi, portanto, outro guia, e disse a mim mesmo: consultemos a luz interior; ela me desencaminhará menos que eles, ou pelo menos meu erro será meu, e me depravarei menos seguindo minhas próprias ilusões que entregando-me a suas mentiras (ROUSSEAU, 2017a, p. 313).

Esses representantes modernos da filosofia, em verdade, mais obscureciam que esclareciam os homens. N'Os *Devaneios do caminhante solitário* (1780), o genebrino aponta, inclusive, para a postura assumida por alguns filósofos de sua época que consistia em destruir a confiança das pessoas comuns em suas crenças pessoais, não importando o gênero de tais crenças, para deixar as pessoas vazias e sem apoios, algo que representava um grande mal aos seus semelhantes bem como ao pensador genebrino:

[...] Vivia com filósofos modernos que pouco pareciam com os antigos. Em vez de eliminarem minhas dúvidas e cessarem minhas irresoluções, haviam abalado todas as certezas que acreditava ter sobre os pontos que mais me importavam conhecer: pois, ardentes missionários do ateísmo e dogmáticos muito imperiosos não suportavam sem cólera que se ousasse pensar diferente deles sobre qualquer ponto que fosse [...] (ROUSSEAU, 2017b, p. 32).

Vale salientar o posicionamento de Rousseau sobre o modo como a filosofia era considerada e praticada à sua época, algo que dizia respeito aos exageros cometidos pelos filósofos, uma vez que estes estavam mais preocupados com o reconhecimento momentâneo, nos aplausos, nas homenagens e nos elogios, algo muito distante da busca pelos mais altos valores humanos conforme Rousseau tinha aprendido com suas leituras filosóficas na juventude.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

Suas queixas contra a filosofia, como ele acreditava ser comumente praticada, eram muitas. A filosofia suscita dúvidas, interrogações e problemas intermináveis e assim, longe de promover e expor a verdade, usualmente gera confusão, erro e incerteza. Em muitos casos, argumenta Rousseau, esse é o intuito deliberado daqueles que se intitulam filósofos, e que estão mais ansiosos por obter fama e aplausos por sua perspicácia e imaginação especulativa do que por acelerar a investigação [...] (DENT, 1996, p. 134).

Ademais, as críticas de Rousseau aos pensadores de sua época seriam, também, considerações sobre a sociedade de seu tempo (VICENTE, 2017, p. 322), principalmente por perceber o distanciamento dos discursos proferidos, por tais homens, da realidade, e da relação de tais discursos com as ações cotidianas desses filósofos, algo que acentuava uma diferença fundamental entre teoria e prática. Desse modo, como contraponto à dissociação entre o discurso e a existência, entre o pensar de forma ética e o viver a virtude de forma efetiva, o genebrino, por meio do *Emílio*, propõe uma educação projetada para seu jovem aprendiz de modo que essa pudesse favorecer a possibilidade dele tornar-se não somente um indivíduo feliz, como também um membro útil na sociedade.

[...] Sua obra pedagógica é composta por um conjunto de métodos, princípios educativos que objetivam garantir ao educando uma formação individual solidamente virtuosa, para que ele pudesse enfrentar a sociedade tal como ela é. É por isso que Rousseau propõe educar o indivíduo de acordo com a natureza, para atingir posteriormente o social [...] (PITANO; NOAL, 2009, p. 288).

A “utilidade”, a qual se refere Rousseau, compreende em saber resistir às más influências advindas da corrupção da sociedade civil. Nesse sentido, a observação da natureza, no intuito de seguir o caminho que ela aponta, é a indicação do modo do fazer educativo de Rousseau no *Emílio* (HERMANN, 2006, p. 98). A natureza deve ser seguida em cada uma das etapas do desenvolvimento do jovem aprendiz, suas disposições devem ser observadas e a melhor adequação aos ditames da natureza considerados. Uma vez educado o homem, as más influências advindas da sociedade com seus costumes deturpados não teriam influência sobre ele a ponto de corrompê-lo. Portanto, destaca Becker (2012, p. 34, grifos do autor),

[...] o que Rousseau faz por meio de suas descrições do ‘homem natural’ e do verdadeiro ‘estado de natureza’ é salvaguardar a natureza do homem, ao garantir a possibilidade, ao menos teórica ou ideal, de um homem e de uma sociedade melhor constituídos [...].

Atentar para a natureza consiste num imperativo da filosofia de Rousseau. Tal postura revela um paradoxo fundamental: para construir seu pensamento, o genebrino se vale de uma filosofia que, em contraposição à que era praticada em seu tempo, ele considera mais adequada e que consiste, ademais, em um ensinamento que se consolida em

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

apoio ao seu sentimento de resguardo e cuidado quanto às pretensões da razão esclarecida segundo o programa do século XVIII.

Assim, cabe questionar se o agravo apostado à filosofia implicaria, diretamente, num entendimento negativo acerca dessa disciplina na visão do pensador de Genebra? Qual seria, afinal, a compreensão de filosofia para Rousseau? O que ela, de fato, significa e qual valor podemos nela apontar a partir do que se deixa entender em seus escritos?

Na tentativa de assumir tais indagações enquanto proposta de apresentação do autor em destaque, dos principais conceitos de sua elaboração filosófica e, ainda, de explicitar a possível compreensão acerca da filosofia no pensamento rousseauísta, ou seja, o modo como ele pensa ser a filosofia, recorreremos a alguns dos escritos do pensador suíço nos mais variados momentos de sua vida tendo em vista tentar aclarar nossas inquições.

Evidentemente não poderemos açambarcar as *Oeuvres complètes* de Rousseau, isto está longe de ser essa a nossa pretensão. Mas, no presente texto, ater-nos-emos especificamente ao *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750) e ao *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1755) por entendermos que as referidas obras estão intimamente entrelaçadas pelo desejo de compreensão da natureza humana e de seu processo gradativo de corrupção através das instituições sociais. Nesse sentido, destaca Simpson (2009, p. 109-110):

[...] que pelo fato dos dois esboçarem a corrupção gradativa da natureza humana, é tentador pensar que o segundo ‘Discurso’ simplesmente se estende ainda mais, de volta no tempo, o argumento do primeiro ‘Discurso’ [...]. A tese que uniu os dois trabalhos é a de que os seres humanos não são inerentes e irremediavelmente cruéis, ao contrário, eles foram moldados dessa forma pelas instituições sociais.

Além das referidas obras, faremos uso em certos momentos, como modo de corroborar o que for acentuado a partir dessas escolhidas, outras de renome do autor suíço no intuito de encaminharmos uma possível compreensão de sua elaboração filosófica, pois, conforme destaca Araújo Silva (2018, p. 40), “[...] todo filósofo tenta dar corpo, procura construir um *designer* peculiar ao elemento filosófico no contexto de sua época a partir de sua obra, de seu *corpus* [...]”. Por meio do estudo dos textos de Rousseau acima destacados, portanto, esperamos evidenciar até que ponto tal compreensão de filosofia tem íntima relação com os problemas por ele apontados, decorrentes da forma de pensar e de agir sobre o mundo definidos pelo homem, sobretudo ao se distanciar das condições que a natureza lhe deu e o que tal compreensão pode nos instar no entendimento dos problemas atuais, não como mera repetição ou reprodução do que fora dito pelo filósofo de Genebra, mas no intuito de realizarmos a nossa própria experiência filosófica, como sublinham Aspis e Gallo (2009, p. 44):

[...] Realizar a própria experiência de pensamento significa, assim, dominar as ferramentas lógicas e conceituais da filosofia, saber identificar os problemas que enfrentamos e aplicar essas ferramentas de pensamento a este problema, comparando com o que já foi pensado pelos filósofos ao longo da história.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

Assim sendo, tal entendimento do fazer filosofia em Rousseau será compreendido, de antemão, enquanto atitude pautada por aspectos fundamentais: primeiro, enquanto uma reflexão que se concentrará na ênfase à necessária valorização moral; depois, na busca de uma definição de mundo, a partir de suas críticas às instituições modernas e ao modo como as mesmas estavam fundamentadas; por fim, ao próprio exercício da filosofia enquanto atividade no intento de conduzir o homem a conhecer-se para melhorar-se e o que essa compreensão rousseauísta pode implicar no ensino de filosofia, hodiernamente. Destarte, tais aspectos, de um modo geral, nos mostram um afastamento do homem em relação à natureza, algo que não se coaduna com uma realização pessoal e social da espécie humana pois, o traço mais significativo do pensamento do genebrino: “[...] passa a residir nos caminhos práticos que ele procurou apontar para o homem alcançar a felicidade, tanto no que se refere ao indivíduo quanto no que se relaciona à sociedade [...]” (CHAUI, 1978, p. XVII).

1 O DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS E AS ARTES:³ A VERDADEIRA FILOSOFIA É OUVIR A VOZ DA CONSCIÊNCIA NO SILÊNCIO DAS PAIXÕES

A caminhada de Rousseau pela estrada de Vincennes⁴, nos arredores de Paris, no ano de 1749, ficaria marcada pelo resto de sua história por ter sido determinante para a elaboração de seus escritos. Ao tomar conhecimento por meio do *Mercure de France* de um concurso de ensaios proposto pela Academia de Dijon (ROUSSEAU, 1965, p. 375) e após concordância do amigo Denis Diderot (1713-1784), pensador francês e um dos idealizadores da *Enciclopédia*, que o aconselhou a dar largas às ideias e a concorrer ao prêmio, o pensador suíço resolve discorrer sobre o tema proposto: “[...] o restabelecimento das Ciências e das Artes terá contribuído para aprimorar ou corromper os costumes?” (ROUSSEAU, 1978b, p. 333). O resultado desse esforço, coroado com a vitória, está presente no *Discurso sobre as ciências e as artes*, conhecido como o *Primeiro Discurso*.

³ A partir de agora, sempre que nos referirmos a essa obra tratá-la-emos apenas de *Primeiro Discurso*.

⁴ O acontecimento de Vincennes é uma referência à caminhada de Rousseau em direção ao amigo Diderot por causa de sua prisão motivada pela publicação de sua *Carta sobre os Cegos* (1748) e, segundo o próprio autor das *Confissões*, “[...] O resto todo de minha vida e minhas infelicidades foram o inevitável efeito daquele momento de desvario [...]” (ROUSSEAU, 1965, p. 375), pois as suas ideias defendidas ao longo de seu texto despertaram as críticas diversas pelo fato de que seus argumentos representariam rompimento acintoso e brusco com o modo de pensar de seu século (ROUSSEAU, 1965, p. 380). De fato, a experiência de Rousseau, entendida por ele como uma espécie de agitação que raiava o delírio (ROUSSEAU, 1965, p. 375), entusiasmou-o à escrita do texto para concorrer ao prêmio. Como resultado, o seu trabalho ganha notoriedade, uma vez que conquistou o primeiro lugar naquele ano. Inclusive, naquela ocasião, o amigo Diderot o confessara por meio de bilhete a dimensão da repercussão de seu trabalho. “[...] *Empolga a todos*, afirmava ele, *não há exemplo de um sucesso igual* (ROUSSEAU, 1965, p. 389, grifo do autor). A esse respeito, acrescenta Simpson (2009, p. 49): “[...] O trabalho deixou atônito seu público imediato, inspirou gerações posteriores e ainda oferece até hoje profundos *insights* sobre a natureza humana e a vida social”. Esse é também um texto importante para o entendimento dos trabalhos subsequentes de Rousseau pois, nesse ensaio, ele anunciou, pela primeira vez, os temas que surgiram mais tarde e que defendeu em seus trabalhos filosóficos”.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

Na referida obra é possível vislumbrar as duras críticas dirigidas aos filósofos de sua época e, ao mesmo tempo, uma reflexão que colocava em evidência a sociedade marcada pela aparência, atitude traduzida efetivamente na valorização do *amor-próprio*⁵, pela discordância entre o ser e o parecer. Tal configuração das relações sociais não nos permite reconhecer as disposições do coração (SIMPSON, 2009, p. 14-15), algo consoante com a defesa da natureza operada pelo genebrino, bem como pela sua crítica ao artifício: “Que ser e parecer sejam diversos, que um ‘véu’ dissimule os verdadeiros sentimentos, esse é o escândalo inicial com que Rousseau se choca, esse é o dado inaceitável de que buscará a explicação e a causa [...]” (STAROBINSKI, 2011, p. 15, grifo do autor). Os argumentos de Rousseau chamam a atenção para o modo de ser da civilização (VICENTE, 2017, p. 322), promovido pelo progresso das ciências e das artes, que só serve para a difusão da vaidade humana, da negação da virtude e, finalmente, da infelicidade dos indivíduos.

Numa de suas respostas⁶ às várias críticas que lhe foram direcionadas por ocasião da publicação do *Primeiro Discurso*, Rousseau, de modo enfático, chama a atenção para o modo como o desenvolvimento de uma cultura rebuscada, através das ciências e das artes, foi profundamente prejudicial ao homem:

Mas como pode ser que as ciências, cuja fonte é tão pura e o fim tão louvável, dêem origem a tantas impiedades, a tantas heresias, tantos erros, tantos sistemas absurdos, tantas contrariedades, tantas inépcias, tantas sátiras amargas, tantos romances miseráveis, tantos versos licenciosos, tantos livros obscenos e, naqueles que as cultivam, a tanto orgulho, tanta avareza, tanta malignidade, tanta intriga, tanto ciúme, tanta mentira, tanta torpeza, tantas calúnias, tantas adulações covardes e vergonhosas? (ROUSSEAU, 1978c, p. 376).

Logo no início de seu *Primeiro Discurso*, o autor de Genebra deixa evidente aos acadêmicos de Dijon, que “[...] não é em absoluto a ciência que maltrato, disse a mim mesmo, é a virtude que defendo perante homens virtuosos. É mais cara a probidade às pessoas de bem do que a erudição aos doutos” (ROUSSEAU, 1978b, p. 333). Nesse sentido, enfatiza Rousseau (1978b, p. 348), o que acontecia em sua época, na verdade, era que o reconhecimento de alguns homens viria pela acentuação do privilégio dos talentos,

⁵ De um modo geral, entendido aqui como desejo do ser humano, a partir das relações associativas com outros “[...] que rapidamente se torna dominante e absorvente, de estabelecer-se como superior ao outro, de adquirir um poder arbitrário e despótico, de impor submissão e ignomínia ao outro, em cuja degradação encontra prazer e prova de sua própria importância e valor [...]” (DENT, 1996, p. 40). O termo “amor-próprio” assume importância considerável na teorização social e política de Rousseau, ao lado de outro também recorrente em seus escritos, a saber, o “amor de si mesmo”. Não é nossa pretensão demorar profundamente nos referidos termos, mas sentimos necessidade de um breve esclarecimento para que o leitor compreenda a distinção entre ambos. Em seu *Primeiro Discurso*, Rousseau (1978b, p. 306-307) trata de diferenciá-los. “Não se deve confundir o amor-próprio com o amor de si mesmo; são duas paixões bastante diferentes tanto pela sua natureza quanto pelos seus efeitos. O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a velar pela própria conservação e que, no homem dirigido pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude. O amor-próprio não passa de um sentimento relativo, fictício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si mesmo do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que mutualmente se causam e que constitui a verdadeira fonte de honra”.

⁶ Fazemos referência à “Resposta de J.-J. Rousseau ao Rei da Polônia, Duque da Lorena”, sobre a refutação feita por esse príncipe ao *Primeiro Discurso*.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

em contrapartida do aviltamento das virtudes, fato que instalava certa compreensão de desigualdade entre as pessoas consistindo como a mais perigosa de suas consequências que: “[...] As recompensas são prodigalizadas ao engenho e fica sem glórias a virtude. Há mil prêmios para os belos discursos, nenhum para as belas ações [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 348). A sociedade de sua época, portanto, estava marcada pela corrupção e pelo culto das aparências, fator que acarretava num distanciamento entre as ações e os discursos, entre o ser e o parecer (VICENTE, 2017, p. 322).

Nessa direção, enquadra-se o subtítulo proposto para o presente artigo, pois se trata das próprias palavras de Rousseau (1978b, p. 335), acerca do distanciamento que se efetiva na relação entre o ser e o parecer, isto é, no intento de buscar o conhecimento como atividade puramente realizada em nome da vaidade, da aparência, das falsas necessidades, a valorização das ciências e das artes conduz as ações dos homens que se caracterizam pela discordância entre as próprias ações e as palavras.

Como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regra, **“se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo!”** Mas tantas qualidades dificilmente andam juntas e a virtude nem sempre se apresenta com tão grande pompa [...] (ROUSSEAU, 1978b, p. 335, grifo nosso).

A constatação do distanciamento entre os atos e as palavras nos leva a perceber que se tornou impossível, em meio à sociedade, a correspondência entre a “atitude exterior” e as “disposições do coração” (VICENTE, 2017, p. 324). De certo modo, a compreensão de Rousseau seria a de que a realização da atividade da filosofia deveria consistir no intento de conhecer para saber, conhecer-se o suficiente para si mesmo e não, primordialmente, para instruir os outros. Além disso, o distanciamento entre o “ser” e o “parecer” é, segundo Starobinski (2011, p. 12), uma fenda que se abre e proporcionando adentrar ao mundo os vícios que decorrem da aparência.

Cava-se o vazio atrás das superfícies mentirosas. Aqui vão começar todas as nossas infelicidades. Pois essa fenda, que impede a ‘atitude exterior’ de corresponder às ‘disposições do coração’, faz o mal penetrar no mundo. Os benefícios das luzes se encontram compensados, e quase anulados, pelos inumeráveis vícios que decorrem da mentira da aparência. Um ímpeto de eloquência descrevera a ascensão triunfal das artes e das ciências; um segundo lance de eloquência nos arrasta agora em sentido inverso, e nos mostra toda a extensão da ‘corrupção dos costumes’. O espírito humano triunfa, mas o homem se perdeu. O contraste é violento, pois o que está em jogo não é apenas a noção abstrata do ser e do parecer, mas o destino dos homens, que se dividem entre a inocência renegada e a perdição doravante certa: o parecer e o mal são uma e mesma coisa (STAROBINSKI, 2011, p. 12, grifo do autor).

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

Noutro momento, já em sua obra *Os Devaneios do Caminhante Solitário*, sua última escrita e não finalizada, Rousseau chama a atenção para o que faziam os que filosofavam em sua época e que, de certa forma, está em consonância com o que foi enfatizado até esse momento:

[...] Vi muitos que filosofavam de maneira muito mais douta que eu, mas sua filosofia lhes era, de certa forma, estranha. Querendo ser mais sábios que outros, estudavam o universo para saber como este estava arranjado, como teriam estudado alguma máquina que tivessem encontrado, por pura curiosidade. Estudavam a natureza humana para poder falar dela com sabedoria, mas não para se conhecerem; trabalhavam para instruir os outros, mas não para se esclarecerem interiormente. [...] Quanto a mim, quando desejei aprender, foi para eu mesmo saber e não para ensinar; sempre acreditei que antes de instruir os outros era preciso começar sabendo o suficiente para si mesmo [...] (ROUSSEAU, 2017b, p. 29).

Rousseau chama a atenção, nas entrelinhas, para apontar o que seria o verdadeiro modo de ser da filosofia, a saber, dar um sentido ao que acontece no entorno da vida no intuito de promover a verdade e não ao que os autodeclarados filósofos de seu tempo estavam preocupados, a saber, com a imaginação especulativa capaz de demonstrar serem mais argutos, mais hábeis, mais sutis em discursos e elogios, sem se preocupar em que se fundamentam (DENT, 1996, p. 134).

[...] Que é a filosofia? Qual o conteúdo das obras dos filósofos mais conhecidos? Quais as lições desses amigos da sabedoria? Ouvindo-os, não os tomaríamos por uma turba de charlatães gritando, cada um para seu lado, numa praça pública: ‘vinde a mim, só eu não engano!’ Um pretende não haver corpos e que tudo só existe como representação; o outro, não haver outra substância senão a matéria, nem outro deus senão o mundo. Este avança não haver nem virtudes, nem vícios, e serem quimeras o bem e o mal morais; aquele, os homens são lobos e podem, com a consciência tranquila, se devorarem uns aos outros. Oh! Grandes filósofos, por que não reservais para vossos amigos e filhos essas lições proveitosas? Teríeis logo a recompensa e não temeríamos encontrar entre os nossos alguns de vossos sectários (ROUSSEAU, 1978b, p. 349-350).

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

As críticas de Rousseau se configuravam, na verdade, enquanto contestações ao otimismo iluminista⁷ de sua época e à compreensão de sociedade defendida pelos enciclopedistas, como busca em chamar a atenção para o insucesso na melhoria das condições morais e materiais (HERMANN, 2006, p. 94), algo em contraposição ao suposto desenvolvimento palapado pelos filósofos das Luzes:

Qual foi o universo que ele visualizou? O início da resposta está contido na própria questão. Isso fez com que ele visse que o progresso na ciência e na arte não é idêntico ao progresso da moral, ou que o desenvolvimento extraordinário cultural desde a Renascença pode não ter sido bem-sucedido em tornar a humanidade melhor ou mais feliz do que era. Na realidade, pode ter tido o efeito contrário [...] (SIMPSON, 2009, p. 31).

Assim, ele deixa transparecer que a culpabilidade da corrupção do gênero humano recai sobre a forma atual da civilização, o que corresponde à degeneração das exigências morais da natureza humana uma vez que, de certo modo, os arranjos sociais são diretamente apontados como proporcionadores ao desenvolvimento dos vícios humanos, além de serem os culpados pela infelicidade e pelas dificuldades da vida social.

[...] Não é, com efeito, das ciências e das artes no absoluto, em sua profunda identidade numêmica, que Rousseau fala, mas de seu funcionamento intra-histórico, *aqui* e *agora*, no circuito da intersubjetividade, de seu desempenho como figuras do jogo do Poder [...] (PRADO JR., 2018, p. 318, grifo do autor).

É importante evidenciarmos aqui que a crítica do pensador suíço não se dirige às ciências e às artes em si mesmas pois, embora não tendo proporcionado maiores benefícios na melhoria da situação humana, algo que seria possível, elas, pelo contrário, proporcionaram meios para que as coisas se deteriorassem, devido ao uso que elas receberam em meio ao processo social. Portanto, segundo Simpson (2009, p. 59):

[...] Suas críticas sobre as ciências e as artes não foram uma denúncia da ciência e da arte em si – ao contrário, foi uma análise dos efeitos nocivos que elas têm na maioria das sociedades nas quais prosperam. Isso pode parecer como uma distinção sem diferença, mas é de fato um aspecto

⁷ Embora Rousseau tivesse relação com os pensadores de sua época, inclusive fazendo parte, por exemplo, como contribuinte em diversos momentos da famosa *Enciclopédia*, assumia na maioria das vezes opiniões de modo contrário às correntes intelectuais de sua época. A esse respeito, destaca Simpson (2009, p. 36, grifo do autor): “[...] Os pensadores conservadores opuseram-se a ele por causa de sua recusa em relação ao pecado original e a crítica pungente acerca da música francesa. E ele também não se adaptava confortavelmente aos pensadores progressistas associados à *Enciclopédia*. A tese do seu primeiro ‘Discurso’, de que o progresso da alta cultura leva à infelicidade e ao declínio moral, parecia negar o princípio básico da *Enciclopédia*, que era o de que a promoção da arte, da ciência e da tecnologia poderia melhorar a qualidade da vida humana indefinidamente [...]”.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

essencial da sua teoria. Ele não promoveu um tipo de agnosticismo ou anti-intelectualismo. Ele disse repetidamente que a ciência e a filosofia são nobres e potencialmente boas para a sociedade de um modo geral [...].

A tese levantada por Rousseau, no que se refere às ciências e às artes, é a de que o desenvolvimento delas proporcionou a vida em sociedade e, por conseguinte, instou o homem a tornar-se senhor de si mesmo de forma exclusiva, como sua preocupação última e única, daí a ênfase dada ao *amor-próprio* como sendo originado na fase da civilização e pela cultura das ciências.

[...] a contestação diz respeito à sociedade enquanto esta é contrária à natureza. Essa sociedade *negadora* da natureza (da ordem natural) não suprimiu a natureza. Mantém com ela um conflito permanente, de onde nascem os males e os vícios de que sofrem os homens. A crítica de Rousseau esboça, portanto, uma “negação da negação”: acusa a civilização, cuja característica fundamental é sua *negatividade* em relação à natureza. A cultura estabelecida nega a natureza [...] (STAROBINSKI, 2011, p. 38, grifo do autor).

O posicionamento do pensador genebrino em seu *Primeiro Discurso* acerca da filosofia pode parecer um tanto paradoxal pelo fato de que, ao mesmo tempo em que expressa elogios ao progresso da razão, numa referência aos movimentos do Renascimento e do Iluminismo caracterizados pelo desenvolvimento das ciências, tece críticas à própria ciência e às artes pelo modo como se desenvolvem em sua época, como responsáveis pela promoção, disseminação e pelo estabelecimento social de erros e vícios resultantes dos descaminhos dados aos aprimoramentos do gênero humano.

É um espetáculo grandioso e belo ver o homem sair, por seu próprio esforço, a bem dizer do nada; dissipar, por meio das luzes de sua razão, as trevas nas quais o envolveu a natureza; elevar-se acima de si mesmo; lançar-se, pelo espírito, às regiões celestes; percorrer com passos de gigante, como o sol, a vasta extensão do universo; e, o que é ainda maior e mais difícil, penetrar em si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim. Todas essas maravilhas se renovaram, há poucas gerações. (ROUSSEAU, 1978b, p. 333-334).

Na verdade, podemos perceber que a elaboração dos argumentos de Rousseau em seu *Primeiro Discurso* consiste em considerar até que ponto as ciências e às artes alteraram positivamente a vida em sociedade. A resposta do autor suíço traduziu-se num sonoro “não” ao defender que o progresso das ciências e das artes, longe de contribuir para o aperfeiçoamento moral dos homens, ajudou em sua desnaturação e na conseqüente corrupção dos costumes. Daí a sua célebre passagem do *Primeiro Discurso* (ROUSSEAU, 1978b, p. 341-342):

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

[...] Povos, sabeis, pois, de uma vez por todas, que a natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho; que todos os segredos, que ela esconde de vós, são tantos outros males de que vos defende e que vosso trabalho vos instruídes não é o menor de seus benefícios [...].

Além de afirmar, portanto, que as ciências e as artes favorecem a corrupção das sociedades, pois, ao longo da história, “[...] nossas almas se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 337), o autor genebrino alerta os leitores para a proporcionalidade entre o desenvolvimento das ciências e das artes e a crescente depravação dos homens como não sendo uma infelicidade própria do período moderno, uma vez que “[...] os males causados por nossa vã curiosidade são tão velhos quanto o mundo [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 337). Assim sendo, Rousseau defende no final de seu *Primeiro Discurso* que aos homens resta seguirem as suas consciências no silêncio das paixões como sendo a verdadeira filosofia (ROUSSEAU, 1978b, p. 352).

[...] Aí está a verdadeira filosofia; saibamos contentarmo-nos com ela e, sem invejar a glória desse homens célebres que se imortalizaram na república das letras, esforcemo-nos para estabelecer, entre eles e nós, essa gloriosa distinção que outrora se conhecia entre dois grandes povos: um sabia dizer bem e o outro obrar bem (ROUSSEAU, 1978b, p. 352).

O seguir a consciência configura-se como o caminho mais indicado, segundo Rousseau, para se encontrar a felicidade pessoal e coletiva. Claro que, com essa constatação, tal postura o levará ao afastamento da tendência intelectual de sua época. Assim, considerando o valor das ciências e das artes de modo diferente de seus contemporâneos, para ele o verdadeiro conhecimento repousa em nós mesmos, afinal, “[...] De que serve procurar nossa felicidade na opinião de outrem, se podemos encontrá-la em nós mesmos? [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 352).

Portanto, no *Primeiro Discurso* percebe-se o convite ao homem a penetrar em si mesmo para “[...] conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim [...]” (ROUSSEAU, 1978b, p. 334). O que veremos, na sequência de suas produções filosóficas, por exemplo, no seu texto seguinte intitulado *Discurso sobre a origem das desigualdades entre os homens*, será uma continuidade das ideias do *Primeiro Discurso*, ou seja, a sua crítica à sociedade de seu tempo estender-se-á ainda mais uma vez que os dois *Discursos* esboçaram como se dá de modo gradativo a corrupção da natureza humana (SIMPSON, 2009, p. 109), através da degeneração social, que provoca distanciamento do homem que vivia conforme sua própria natureza e, conseqüentemente, instaura a desigualdade entre os demais. Para Rousseau, desde já, o modo mais indicado para se conhecer a fonte da desigualdade entre os homens é a partir do conhecimento da história do desenvolvimento dos próprios homens, do processo que os levou ao ponto onde eles se encontram.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

2 O DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS:⁸ A FILOSOFIA COMO CONVITE AO HOMEM PARA O CONHECIMENTO DE SI CONFORME O FORMOU A NATUREZA

Novamente a Academia de Dijon propõe temática a ser debatida e expressa por meio de ensaios para concurso, em 1753, e mais uma vez o filósofo de Genebra dedica tempo à vontade para meditar sobre o assunto proposto. A partir de pergunta motivadora – qual a origem da desigualdade entre os homens, e se ela é autorizada pelo direito natural? (ROUSSEAU, 1978a, p. 215) – Rousseau esforça-se, segundo ele (1978a, p. 228), para falar do homem e procurará separar os acréscimos conseguidos pela vida em sociedade do que é original na natureza humana.

De que se trata, pois, precisamente neste Discurso? De assinalar, no progresso das coisas, o momento em que, sucedendo o direito à violência, submeteu-se a natureza à lei; de explicar por que encadeamento de prodígios o forte pôde resolver-se a servir ao fraco, e o povo a comprar uma tranquilidade imaginária pelo preço de uma felicidade real (ROUSSEAU, 1978a, p. 235).

Diferentemente do *Primeiro Discurso*, dessa vez Rousseau não leva o prêmio do concurso, resultado que não lhe causou nenhum estranhamento, uma vez que esperava não ser diferente, conforme nos relata nas *Confissões*, pois, segundo ele mesmo, a sua elaboração “[...] tinha sido feita para concorrer ao prêmio: enviei-a, portanto, porém certo de antemão de que não o obteria e sabendo bem que não são para peças daquele estofo que são criados os prêmios das academias” (ROUSSEAU, 1965, p. 417). De fato, não surtiu efeito semelhante à época da publicação do *Primeiro Discurso*, pois não teve impacto imediato e sequer foi lido completamente pelos acadêmicos alegando que o mesmo era extenso e representava uma má interpretação da questão proposta⁹ (STAROBINSKI, 2011, p. 379), entretanto, suas teorias elencadas anteriormente poderiam ser aprofundadas e o assunto a ser debatido nesse *Segundo Discurso*, afirma Rousseau (1978a, p. 227), tratava-se de uma das questões mais interessantes que a filosofia podia propor. Daí, ao tratar da desigualdade entre os homens, a começar da compreensão de suas fontes, o referido *Discurso* representou certa importância com as suas discussões acerca do homem e da vida em sociedade.

⁸ A partir de agora, sempre que nos referirmos a essa obra tratá-la-emos apenas de *Segundo Discurso*.

⁹ Alguns comentadores, dentre eles Simpson (2009, p. 88), apontam também como argumento utilizado pelos Acadêmicos de Dijon a fim de não optarem pelo *Discurso* de Rousseau o de que o autor suíço não tinha enfatizado em sua resposta a pergunta conforme sugerira o concurso. “[...] A Academia havia perguntado sobre a origem da desigualdade e se a mesma é justificada pela lei natural. Rousseau usou a abertura dada pela palavra ‘origem’ para escrever uma enorme história especulativa das instituições sociais humanas, retirando, na sua maioria, a ideia da lei natural da sua apresentação. [...] A questão que Rousseau realmente formulou e respondeu foi: por que existem pessoas de diferentes posições políticas, sociais e econômicas e essas desigualdades são moralmente justificáveis? [...]” (SIMPSON, 2009, p. 88).

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

[...] Jean-Jacques empreende dar à sua paixão a organização discursiva que lhe faltara até então: *demonstrará* a legitimidade histórica da intuição que se impusera a ele na estrada de Vincennes. Tudo que o primeiro *Discurso* só indicava em uma bruma calorosa, tudo que Rousseau descobrira ou entrevira no decorrer da polêmica sobre as artes e as ciências, tudo isso ia poder explicitar-se completamente, enunciar-se com o aparato completo dos fatos, dos testemunhos, dos argumentos que o leitor exigente podia desejar [...]. (STAROBINSKI, 2011, p. 379, grifo do autor).

Com a afirmação de que falaria exatamente do homem, pois, segundo Rousseau, não poderia ser de outro modo para se conhecer a fonte da desigualdade, senão recorrer ao próprio homem, o genebrino se propõe ao *re-conhecimento* do gênero humano em si mesmo, bem como das instituições que ele criou. Nesse sentido, o propósito é conduzir os homens a começarem a se conhecer neles mesmos e, desse modo, propiciar uma tentativa de conduzi-los ao ponto de se verem tal como os formou a natureza.

[...] Como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar a conhecer a eles mesmos? E como o homem chegará ao ponto de ver-se tal como o formou a natureza, através de todas as mudanças produzidas na sua constituição original pela sucessão do tempo e das coisas, e separar o que pertence à sua própria essência daquilo que as circunstâncias e seus progressos acrescentaram a seu estado primitivo ou nele mudaram? [...] (ROUSSEAU, 1978a, p. 227).

A grande questão levantada por J.-J. Rousseau, através do *Segundo Discurso*, é que o homem, empurrado pelas vicissitudes, por uma cadeia de fatos e causalidades, abre mão de viver segundo a ordem da natureza e sai de um estado natural em troca de uma participação social, uma espécie de pacto “artificial”. Destarte, o autor genebrino assume como objetivo, logo no início da referida obra, a partir da compreensão da história da evolução da humanidade até a sua elevação para o estado social:

[...] separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente [...] (ROUSSEAU, 1978a, p. 228-229).

O autor suíço distingue o hipotético “estado de natureza” como o estágio no qual o homem era solitário, nômade, pacífico, feliz e enraizado no mundo natural (BRAGA, 2013, p. 210), no qual a comunicação entre os semelhantes era generosa e benevolente, algo diferente do “estado social” que se caracteriza pelo surgimento da propriedade privada.

A terra abandonada à fertilidade natural e coberta por florestas imensas, que o machado jamais mutilou, oferece, a cada passo, provisões e abrigos

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

aos animais de qualquer espécie. Os homens, dispersos em seu seio, observam, imitam sua indústria e, assim, elevam-se até o instinto dos animais, com a vantagem de que, se cada espécie não possui senão o seu próprio instinto, o homem, não tendo talvez nenhum que lhe pertença exclusivamente, apropria-se de todos, igualmente se nutre da maioria dos vários alimentos que os outros animais dividem entre si e, conseqüentemente, encontra sua subsistência mais facilmente do que qualquer deles poderá conseguir (ROUSSEAU, 1978a, p. 238).

Antes, afirma Rousseau por meio da citação anterior, o que se tinha era uma perfeita harmonia entre o homem e a natureza – pois ele vivia livre, disperso em meio aos outros seres da natureza e mesmo entre seus semelhantes e, ademais, autossuficiente, tendo por instrumento apenas o próprio corpo, sendo obrigado a empregá-lo de diversos modos, a se habituar às intempéries das estações e a se defender dos animais ferozes. A natureza, por seu turno, fornecia meios para satisfazer as suas necessidades.

Nessa íntima relação com a natureza, o homem adequava-se às adversidades que se lhe aparecia e aprendia a não mais temê-las, afinal, defende Rousseau (1978a, p. 241), “[...] a natureza trata os animais abandonados a seus cuidados com uma predileção com que parece querer mostrar quanto é ciosa, desse direito”. Para o autor suíço, portanto, a harmonia da natureza contrasta com o processo da vida em sociedade, esta “[...] provoca as moléstias do homem, o egoísmo, a hipocrisia, a escravidão e as desigualdades sociais” (HERMANN, 2006, p. 94).

Evidentemente não é no isolamento do homem natural que o autor de Genebra consegue enxergar a harmonia da natureza, mas no modo de vida primitivo que intitulou de “Idade de ouro” da humanidade. Entretanto, em meio a esse modo de vida, os desenvolvimentos do gênero humano são limitados e as vicissitudes hão de tirar o homem desta condição primordial lançando-o numa relação com os demais homens que vai, paradoxalmente, promover exponencialmente o desenvolvimento de sua perfectibilidade, algo que vai conduzi-lo “para fora” do estado de natureza.

[...] Desde sua origem, o homem natural, segundo Rousseau, é dotado de livre arbítrio e sentido de perfeição, mas o desenvolvimento pleno desses sentimentos só ocorre quando estabelecidas as primeiras comunidades locais, baseadas sobretudo no grupo familiar. Nesse período da evolução, o homem vive a idade de ouro, a meio caminho entre a brutalidade das etapas anteriores e a corrupção das sociedades civilizadas. Esta começa no momento em que surge a propriedade privada (CHAUÍ, 1978, p. XIII-XIV).

O que leva, afinal, o homem do primeiro estágio, solitário, tranquilo, ocioso e auto suficiente, já que se preocupava única e exclusivamente com sua sobrevivência e sabia viver de acordo com suas necessidades inatas, a querer interferir na natureza e, por conseguinte, no espaço ao seu redor? Que passa na realidade que o convence a se subjugar a uma sociedade que o impõe uma forma artificial, tornando-o vaidoso e orgulhoso? Para Rousseau, a resposta está no próprio homem, na sua capacidade de aperfeiçoamento. O

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

caminho seguido por ele teve como princípio motivador as adversidades climáticas sobre o seu habitat conduzindo-o a uma ruptura no modo de vida primitivo, seguido de sucessivas transformações radicais e, daí, como consequência acabou por lhes acrescentar sempre mais novas necessidades vitais.

O que passa a acontecer na realidade, por parte do homem, é que o processo de *desnaturação* o leva a desenvolver atitudes de valorização de uns em detrimento de outros, de posições sociais e valorizações por parte de seus semelhantes, num processo de degeneração aos valores que poderiam ser encontrados na vida em meio à natureza. Esse processo, por sinal, se dá em meio ao maior dos paradoxos: é a perfectibilidade que, sendo natural mas sendo desenvolvida em meio às relações sociais, lança o homem para fora da natureza, marcando o processo de degeneração e decadência do homem gerando o estado de servidão, desigualdade e infelicidade daí decorrente.

O que Rousseau quis discutir é que o estado social coloca o homem numa relação de dependência do outro e da propriedade. Nesse momento começam a surgir necessidades impostas pela maneira coletiva de se viver e, de agora em diante, o processo de busca pela perfectibilidade (faculdade inata de poder aperfeiçoar-se) passa a ser um processo de desnaturação do homem. Evidentemente tudo é feito pela ação livre do homem, pois, para Rousseau, a liberdade no estado natural é total.

[...] Mas, desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro do outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu germinarem e crescerem com as colheitas (ROUSSEAU, 1978a, p. 265).

O problema central está no fato de que o homem, por ser perfectível, “[...] não cessou de acrescentar suas invenções aos dons da natureza [...]” (STAROBINSKI, 2011, p. 23). Motivado pelas sucessivas necessidades inesperadas, trata de elaborar artifícios supérfluos, a se acostumar com as facilidades e o luxo, algo que provocou, a partir daí, competição desigual pela sua obtenção, dando origem às desigualdades sociais (PITANO; NOAL, 2009, p. 286). Além disso, Rousseau parece antecipar o que viria a ser realidade nos ideais do sistema capitalista, o da dominação da natureza. Dominar a natureza por parte do homem traduzir-se-ia também em dominação recíproca do ser humano pelos seus próprios semelhantes (PITANO; NOAL, 2009, p. 289).

Essa transformação efetuada teve como consequência a ampliação do alcance do desejo humano conduzindo às novas tecnologias. O mundo natural é então agredido pelo crescimento populacional e os conflitos humanos lhe infligiram desordem e danos estruturais. Rousseau argumenta que os seres humanos expandiram, desenvolveram e criaram novos desejos que conduziram a um completo domínio do ambiente para a sua satisfação. O chamado ‘dilema do consumo’ apontado pelos ambientalistas é engendrado pelo desenvolvimento dos desejos infinitos

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

em contraposição aos recursos finitos. No *Segundo Discurso*, Rousseau desenvolve uma poderosa e abrangente explicação histórica desse desenvolvimento e suas consequências. (BRAGA, 2003, p. 212, grifo do autor).

Nesse cenário da sociedade, marcado pela competição entre os homens, pelo desejo de posse da propriedade e pelo forte sentimento de concorrência que tornara o homem escravo das coisas e dos outros homens, pelos vícios, pelo egoísmo, pelas desigualdades sociais, Rousseau defende, através do *Emílio* (1762) uma proposta educativa inovadora que pudesse formar o homem, como tarefa primordial, a partir de suas inclinações naturais, seguido da formação do cidadão (HERMANN, 2006, p. 98).

CONCLUSÃO

O pensador genebrino aqui destacado serve-nos exatamente pela sua postura ousada na problematização da realidade, isto é, pelas suas duras críticas às sociedades civilizadas responsáveis, segundo ele, pela degeneração das exigências morais mais profundas da natureza humana em detrimento de uma cultura intelectual (CHAUÍ, 1978, p. XIII). Rousseau chama a atenção para uma visão deturpada da compreensão da filosofia como esta era praticada em sua época por meio do argumento de que “[...] o progresso da alta cultura, desde a Renascença, havia deixado a civilização europeia menos feliz e menos orientada em termos morais [...]” (SIMPSON, 2009, p. 32), sendo conduzida para uma falsa percepção de moralidade convertida nos ditames dos simulacros de cortesia e urbanidade da sociedade ilustrada de sua época.

Aprender, primeiramente, para si mesmo, para ser instruído acerca de si e não, primordialmente, para ensinar os outros. Pensar um ensino de filosofia a partir desse aspecto enfatizado por Rousseau nos leva necessariamente a uma compreensão de educação que favorecerá ao alunado o exercício do pensar como experiência filosófica do autoconhecimento. Tal exercício não é novo na própria filosofia. A figura clássica de Sócrates (cerca de 400 a.C.) nos é conhecida. Por meio do questionamento como método, ele interceptava os transeuntes da antiga Atenas (ASPIS; GALLO, 2009, p. 13) levando-os ao reconhecimento de sua ignorância e os incitando à construção de seus próprios saberes a partir do conhecimento de si mesmos, como o impulsionara o Óráculo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo”. Assim, um ensino de filosofia que se queira proporcionar aos alunos envolvidos a busca do autoconhecimento como experiência da própria filosofia possivelmente favorecerá a compreensão de que não existem donos da verdade. Nesse sentido, o professor, principalmente, não é depositário do saber e o transmite como e a quem bem entender. A filosofia, portanto, entendida até aqui não como mera transmissão de conteúdos, mas, ajudam-nos Aspis e Gallo (2009, p. 14):

[...] Por meio do ensino de filosofia para os jovens, podemos incentivá-los na prática de determinados instrumentos que os levem a poder pensar de forma autônoma, autoconsciente, a pensar com abrangência, profundidade e clareza. Podemos colaborar com a destreza de seu

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

pensamento em fazer análise, síntese e relações, pensamento aberto e ciente da sua dimensão histórica. Pensamento este que tece o significado do mundo a partir de questões simples sobre os problemas, como: o que é isto?; por que isto é assim?; por que pensamos que isto seja assim?.

Rousseau se destaca por meio de uma elaboração filosófica propiciadora da crítica à realidade local. Pensar o ensino de filosofia entendido desse modo é possível se aceitarmos que tal postura indagadora pode convergir para uma reflexão de um ensino preocupado com as condições de seu presente. Será necessário que leve em consideração o potencial crítico da postura filosófica, portanto, “[...] que avalia as condições de existência a partir da potencialidade de sua época” (CERLETTI, 2009, p. 52).

A crítica do pensador de Genebra, ao afirmar que as ciências e as artes fazem mais mal aos costumes do que bem à sociedade, não se tratava de uma tentativa de aniquilamento da busca do conhecimento, até porque ele chega a afirmar que o “tudo conhecer” é um dos atributos do autor de todas as coisas e que, por parte dos homens, “[...] adquirir conhecimentos e espalhar luzes equivale, pois, a participar, de certo modo, da inteligência divina [...]” (ROUSSEAU, 1978c, p. 376). Entretanto, ele sustenta que o mais desejável seria “[...] que os homens se dedicassem a ela [ciência] com menor ardor [...]” (ROUSSEAU, 1978c, p. 376). Tal crítica pode ser entendida não só quanto ao modo de ser da filosofia preconizada pela *Enciclopédia* e desenvolvida em sua época, tampouco se traduziria numa anulação das bibliotecas (CHAUÍ, 1978, p. XIV), mas como um combate aos exageros cometidos num meio social no qual se distanciam os discursos das ações dos homens, onde o saber é desenvolvido por pura vaidade e não para que o homem pudesse conhecer-se. Ademais, considerava ele que quando desejou conhecer, seu objetivo era, primordialmente, o conhecimento de si, algo que deve ser pressuposto para que se pretenda, eventualmente, ensinar a outrem.

[...] antes de instruir os outros era preciso começar sabendo o suficiente para si mesmo [...]. O que faremos depende muito do que acreditamos, e em tudo que não diz respeito às necessidades básicas da natureza nossas opiniões são a regra de nossas ações [...] (ROUSSEAU, 2017b, p. 29).

No que se refere à elaboração filosófica do pensador em questão, esclarece-nos Chauí (1978, p. XVII) que a variedade de suas obras (algo que se torna compreensível ao evidenciarmos que as temáticas por ele abordadas estão fortemente imbricadas de seus conflitos pessoais), estava relacionada ao mundo humano e que expressavam a sua visão de filosofia no plano da valorização prática.

O chamado à natureza e o “evitar os ataques de seus filhos” constituem os motivos fundamentais do pensamento de Rousseau e a fonte de sua contribuição original para a história da filosofia. Essa contribuição não compõe um conjunto sistemático e a riqueza e variedade da obra, as frequentes contradições, a repugnância pela sistematização conceitual e a permanente vinculação entre as ideias e os conflitos pessoais vividos pelo autor tornam extremamente difícil uma exposição sintética de sua obra.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

Contudo, é possível desenredar essa intrincada e trazer à tona alguns elementos estruturais e certos temas dominantes: relações entre natureza e sociedade, moral fundada na liberdade, primazia do sentimento sobre a razão, teoria da bondade natural do homem e doutrina do contrato social (CHAUÍ, 1978, p. XII-XIII, grifo do autor).

Outro aspecto característico do pensador de Genebra, e que nos ajuda aqui a evidenciar a sua visão de filosofia, é a valorização do sentimento em detrimento à razão. Para Rousseau, aquele representa o verdadeiro caminho para o conhecimento, o instrumento que proporciona ao homem a penetração na essência da interioridade conduzindo-o ao retorno da pureza da consciência natural (CHAUÍ, 1978, p. XV). “[...] Núcleo central de todo pensar filosófico, constituiria a chave com que se pode compreender toda a natureza e alcançar misticamente o próprio infinito” (CHAUÍ, 1978, p. XV). Era preciso, desse modo, que a razão civilizada concedesse o espaço necessário para que o sentimento alcançasse a natureza humana, defendia Rousseau.

Rousseau ficou conhecido como um pensador de paradoxos, algo que se expressa não só nas temáticas abordadas em suas obras (natureza *versus* sociedade, amor de si *versus* amor próprio, transparência *versus* obstáculo, etc.), mas na maneira como ele mesmo vive sua existência e pratica sua filosofia (recusa da *Republique des Lettres* *versus* o desejo de reconhecimento, a crítica à escrita *versus* o uso contínuo do recurso estilístico, entre outras). Nesse sentido, o lugar da filosofia na compreensão e na obra de Rousseau se insere nessa complexa rede de paradoxos.

A questão fundamental a ser compreendida, ao fim de nosso esforço de tentar investigar a postura de Rousseau quanto à filosofia e papel do filósofo, consiste em perceber que o fazer filosófico verdadeiro compreende uma atitude de desconfiança quanto aos fins, aos objetos, às pretensões e aos fundamentos dessa atividade. Em desconfiando dos usos da filosofia, bem como em testando, mesmo que por contradições os seus limites e as suas possibilidades, talvez dessa forma sejamos mais fiéis aos seus fundamentos e, nesse processo, nos resguardemos dos erros de considerar a filosofia e o filósofo como figuras que ratificam sociedades e costumes, ao invés de buscar o conhecimento do homem como princípio para uma felicidade possível.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de. A questão da Filosofia e sua introdução: o despertar de uma tonalidade afetiva (*stemning*) fundamental. In: ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de. **A superação da metafísica na filosofia de Kierkegaard e de Heidegger**: as tonalidades afetivas (*Stemninger, Stimmungen*) como *arché* da filosofia, *páthos* do filosofar. São Paulo, LiberArs, 2018, p. 37-80.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sívio. **Ensinar Filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

BECKER, Evaldo. Natureza, ética e sociedade em Rousseau. **Cadernos de Filosofia Política**, São Paulo, n. 21, fev. 2012, p. 31-42.

BEZERRA, Gustavo Cunha. **A ordem da natureza no pensamento filosófico e religioso de Jean-Jacques Rousseau**. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Estadual de Campinas, 2014.

BRAGA, Eduardo Cardoso. Relações e paralelos entre Rousseau e a ecologia radical contemporânea. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 8, n. 2, dez. 2013, p. 201-225.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAUÍ, Marilena. Rousseau: vida e obra. *In*: ROUSSEAU, J.-J. **Obras**. 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. VI-XXIV.

CORREIA, Mary Lúcia Andrade. Rousseau: meio ambiente e ética ambiental. **Revista Jurídica Luso Brasileira - RJLB**, Lisboa, ano 1, n. 3, ago. 2015, p. 1245-1269.

DENT, N.J.H. **Dicionário de Rousseau**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

ESPÍNDOLA, Arlei de. Rousseau e Sêneca: da crítica das luzes à defesa da virtude. **Revista Tempo da Ciência**, Toledo, v. 14, n. 27, jan.-jul. 2007, p. 09-21.

FORTES, Luis Roberto Salinas. **Rousseau: da teoria à prática**. São Paulo: Ed. Ática, 1976.

HERMANN, Nadja. Rousseau: o retorno à natureza. *In*: CARVALHO, Isabel Cristina de; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006, p. 93-109.

LARRÈRE, Catherine. Jean-Jacques Rousseau: o retorno da natureza? **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, USP, n. 21, 2012, p. 93-109.

PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena. Horizontes de diálogo em educação ambiental: contribuições de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 03, dez. 2009, p. 283-298.

PRADO JUNIOR, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As Confissões de Jean-Jacques Rousseau**. Tradução e prefácio de Wilson Lousada. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965. (Coleção “Clássicos de Bolso”).

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.28>

A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”

DUTRA, Evanilson Alves; SOARES, T. S.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1978a, p. 201-320. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as Ciências e as Artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1978b, p. 321-354. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Resposta de J.-J. Rousseau ao Rei da Polônia, Duque de Lorena**. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1978c, p. 375-391. (Coleção Os Pensadores).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. Tradução de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2017b.

SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau**. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2009.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VICENTE, José João Neves Barbosa. A “Sociedade Moderna” na visão de Rousseau. In: **Prometeus filosofia**, São Cristovão-SE, v. 10, n. 24, set.-dez., p. 315-328, 2017. Disponível: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/viewFile/5928/5796>. Acesso em: 18/11/2018.